

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 6 – 24.04.2014

Assunto principal: Início do estudo das oito inteligências tipológicas e das cinco inteligências dos arquétipos regentes do Self. A Inteligência Insular Matriarcal (desejo, magia, mitos e sonhos).

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, pp. 183-196.

Filme documentário da National Geographic sobre os Aborígenes Australianos, Etnia Gagudju.

Boa noite a todos.

Hoje é a nossa sexta aula, na qual começaremos a estudar os quatro arquétipos regentes que coordenam a elaboração simbólica junto com o Arquétipo Central. Reunidos, eles formam cinco inteligências arquetípicas do Ser. Nenhum símbolo ou função estruturante pode ser pensado (elaborado) fora delas. Em sua tipologia, Jung (1921) descreveu oito inteligências tipológicas formadas por **quatro funções e duas atitudes**. As funções são **pensamento, sentimento, sensação e intuição** e as atitudes são **extroversão e introversão**. O pensamento e o sentimento formam um par de opostos e a intuição e a sensação, outro.

Todas as pessoas tem as quatro funções e as duas atitudes, que são funções estruturantes tipológicas arquetípicas. Elas se combinam e dão origem a **oito tipos psicológicos**. (Veja-se sua descrição no livro de Nise da Silveira, *Jung, Vida e Obra*).

Uma das funções é a principal e sua oposta é a **quarta função**. Por ser a menos desenvolvida, a quarta função é também chamada indevidamente, ao meu ver, de função inferior. Acho que, indevidamente, porque, no processo de individuação, apesar de sua menor desenvoltura, ela acaba tendo uma função muito importante e, por isso, não é tão inferior assim.

A função do pensamento vê a formulação lógica, racional e coerente do discurso. A função do sentimento diz respeito à relação racional afetiva das pessoas e das coisas. A função da sensação percebe as qualidades irracionais das coisas em si, como numa fotografia e a função da intuição adivinha, também irracionalmente, para o que servem e para o que servirão as coisas. A função da introversão centra o relacionamento no Ego, o sujeito e a função da extroversão centra o relacionamento no outro.

Esta tipologia é arquetípica e descreve oito inteligências psicológicas. Ela complementa as cinco inteligências arquetípicas dos arquétipos regentes, baseada no quatérnio arquetípico regente. A articulação desses dois grupos de inteligência faz com que um grupo enriqueça o outro.

A diferença principal entre esses dois grupos de Inteligência é que o grupo da tipologia de Jung é principalmente tipológico e operativo e o grupo das inteligências regentes é essencialmente coordenadora do desenvolvimento.

As cinco inteligências dos arquétipos regentes descrevem cinco maneiras arquetípicas da polaridade Ego-Outro operar no Self.

1) Inteligência **indiferenciada do Arquétipo Central** – nela o Ego e o Outro estão ainda fusionados. É o início de qualquer elaboração simbólica. 1º Exemplo: começo a sentir frio. Não sei se o frio veio de fora ou de dentro do meu corpo, de um calafrio febril, por exemplo. Somente o exame da sensação (elaboração simbólica) dirá. 2º Exemplo: veio à mente uma preocupação com um amigo. Não sei se ele está necessitado de ajuda ou se fui eu que imaginei isso. Somente o exame dessa preocupação dirá. Os dois exemplos necessitam o resto da elaboração simbólica pelas outras quatro inteligências, caso contrário, não será possível uma conduta inteligente a respeito do seu significado.

2) Inteligência **Insular do Arquétipo Matriarcal** – nesta inteligência, a polaridade Ego-Outro forma ilhas na Consciência. Ela é predominante de 0-2 anos na vida do bebê e numa ilha o Ego se relaciona com a mãe; na outra, com o pai, por exemplo. Ela permanece atuante durante toda a vida.

Trata-se da inteligência da sensualidade, do desejo, da fantasia, do mito e do sonho e de muitos sintomas. Devido à proximidade simbiótica do Ego e do Outro, eles frequentemente se confundem e até invertem posições para atuar na dimensão da magia e do sonho. O Ego (criatividade subjetiva) pode facilmente pensar que o Outro é ele mesmo e o seu desejo se transformar em realidade objetiva. Muitos pensadores atribuem esta inteligência exclusivamente às culturas tribais (pejorativamente chamadas primitivas), às crianças (fase oral), ao “inconsciente” ou à participação mística. No entanto ela é banal e opera normalmente em nossas vidas muitas vezes por dia.

A inteligência insular matriarcal confunde muito o Ego com o Outro e o Ego com o Arquétipo Central e, por isso, as culturas tribais divinizam a natureza. Trata-se do **animismo**, a religião mais antiga de todas, na qual as árvores, a chuva, os animais e as montanhas são sagrados e têm vida emocional. Ela está nos sonhos, nos mitos e em muitos de nossos sintomas.

Numa cultura tribal, um homem pode achar que se puser uma mecha de cabelo da mulher desejada na entrada da sua própria casa, ela se apaixonará por ele. Isto é **magia de contágio**. Se os caçadores dançarem à volta de uma imagem de um animal e o espetarem com suas flechas, eles acham que a caçada será mais produtiva. Isso é **magia imitativa**. Ambos os casos são muito usados na atividade de marketing.

O antropólogo James Frazer achou que a magia é a ciência bastarda porque é uma ilusão. Levy-Brühl achou que essas pessoas tinham um “pensamento inferior”.

O reconhecimento da magia e do mito dentro da inteligência insular matriarcal mostra que ela é a inteligência emocional do desejo. Qualquer um de nós a emprega muitas vezes por dia. O *marketing* fez dela a grande arma da propaganda. Basta a Giselle Bündchen aparecer com um novo shampoo para as vendas duplicarem ou então o Neymar ser fotografado fazendo um gol usando a camisa com o nome de um celular para as vendas aumentarem (magia da imitação). Por outro lado, se alguém tocar num ídolo ou arrancar um pedacinho da sua roupa, isso lhe dará um grande poder (magia de contágio).

Frazer viu que a magia é a ciência bastarda do conhecimento científico, mas não percebeu que ela é, também a ciência real das emoções. Toda a literatura de autoajuda emprega essa inteligência para as pessoas se sentirem melhor, mais confiantes e ter sucesso na vida.

3) A terceira inteligência é a **polarizada patriarcal**. É a inteligência racional e objetiva que não acredita em magia. Nela, os polos das polaridades são somente opostos e nada mais. Adulto e criança, professor e aluno, médico e paciente, ser humano e natureza, todos radicalmente opostos, pão, pão, queijo, queijo e acabou-se. Ela segue Descartes que recomendou separar o Ego do Outro, o pensamento (sujeito) da natureza (objeto) “para bem pensar”.

4) A quarta Inteligência é a **inteligência quaternária dialética** do Arquétipo de Alteridade, que reúne os Arquétipos da Anima e do Animus.

A inteligência quaternária dialética é a inteligência mais profunda e produtiva de que o ser humano é capaz, porque relaciona o Ego e o Outro na posição quaternária. Nesta posição o Ego é capaz de corrigir o seu posicionamento pela crítica do Outro e vice-versa dentro da posição quaternária de Alteridade. Esta posição relaciona a luz e a

Sombra do Ego e do Outro dentro do Todo, o que permite o desenvolvimento pleno da função estruturante da ética.

5) A quinta inteligência arquetípica dos Arquétipos Regentes é a inteligência contemplativa, que permite desapegar o Ego de tudo e esmaecer sua fronteira com o Outro, sendo ambos absorvidos pelo Todo (posição sistêmica).

Quando um médico acha que o efeito placebo de um remédio não é real, ele está sendo cartesiano e pensando com a inteligência patriarcal polarizada e não está percebendo, com o Arquétipo da Alteridade, que o efeito placebo é o resultado da inteligência insular matriarcal atuando pela magia de contágio ao ingerir o remédio.

Essa conceituação dos arquétipos regentes que elaboram **todas** as cinco inteligências arquetípicas, reabilitou a inteligência insular matriarcal na Psicologia, na Antropologia, no Self Individual e no Self Cultural. Ela havia sido menosprezada e posta de lado nas teorias de desenvolvimento. Ao reconhecê-la hoje, podemos apreciar a importância de uma cultura como a dos Gagudju, que viveram durante 40 mil anos na região de Kakadu, no norte da Austrália. Eles expressavam extensamente o dinamismo matriarcal ao lado do patriarcal. Seu animismo permitiu que eles vivessem em harmonia com a flora e a fauna. Sua vivência mítica, expressa na imaginação com os espíritos Mimes, cultivava uma vida espiritual que reunia a vida e a morte dentro da cultura. Sua belíssima pintura de milhares de anos representava os animais com dimensões maiores que o normal e serviu para manter magicamente a ordem no mundo. Os morcegos, que tinham vida noturna, representavam o espírito dos curadores, que lidam com o consciente e o inconsciente.

A relação dos Gagudju com o além através da arte e dos rituais equivale, na Grécia Antiga, à relação dos humanos com os deuses através das oferendas de néctar e de ambrósia e também à Yoga, cujos exercícios propõem o desapego da mente das coisas mundanas (Samsara) para viver o Ser Cósmico (Atman).

Três vivências fundamentais dessa cultura aborígine de dominância matriarcal, mas que também expressam a inteligência patriarcal são hoje parâmetros para a ecologia. **A primeira** é a ligação permanente da parte com o todo através do animismo. Cada criatura deve ser respeitada pelo fato de ser uma expressão do todo (pensamento sistêmico). **A segunda** é que o Ser depende do cuidado dos humanos (a arte e os rituais) para sobreviver (relação dialética de alteridade da parte com o todo). **A terceira** é a representação da Sombra por um lagarto deformado com asas pelancudas, que não servem para voar. Segundo a lenda, ele foi amaldiçoado e assim deformado por ter

desrepeitado os rituais (fixação da função estruturante do voo transformado em Sombra, ou seja, em defesa, compulsão de repetição e resistência).

Essas três condições são pilares, dentro da ecologia, necessários para manter a sobrevivência da nossa espécie. Com essas três características, vemos a sabedoria das culturas mágico-míticas quando comparadas à destrutividade com a formação da Sombra, da poluição e da devastação ecológica das culturas industrializadas. Basta pensarmos que enquanto os Gagudju viveram em harmonia com a natureza durante quarenta mil anos, os colonizadores da Austrália, em apenas quatrocentos anos, dizimaram grande parte da flora e da fauna, incluindo o extermínio da etnia dos Gagudju. Não há dúvida que o resgate da inteligência insular matriarcal é indispensável na Antropologia e na Psicologia para operar lado a lado com a inteligência polarizada patriarcal e propiciar a inteligência dialética de Alteridade necessária para confrontar nossa Sombra e salvar nossa espécie.

O assunto de nossa próxima aula será **a função estruturante do fogo** elaborada pelas cinco inteligências do Ser, e suas consequências na civilização desde o cozimento dos alimentos até o motor de explosão, que marcou a era da industrialização e culminou na fissão nuclear, que causou o genocídio de Hiroshima e Nagasaki.

Boa noite a todos e até a próxima quinta-feira.

Byington